





MULHER Trabalho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
INTRODUÇÃO	5
MERCADO DE TRABALHO	7
DESEMPREGO	11
OCUPAÇÃO	17
RENDIMENTOS	23





Governador do Estado
Geraldo Alckmin
Vice-Governador
Cláudio Lembo
Secretário de Economia e Planejamento
Martus Tavares

SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Diretora Executiva
Felicía Reicher Madeira

Diretor Adjunto Administrativo e Financeiro
Marcos Martins Paulino

Diretor Adjunto de Produção e Análise de Dados
Sinésio Pires Ferreira

Diretor Adjunto de Disseminação de Informações
Vivaldo Luiz Conti

Chefia de Gabinete
Ana Celeste de Alvarenga Cruz

Conselho de Curadores
Martus Tavares (Presidente)
Carlos Antonio Gamero
Haroldo da Gama Torres
José Paulo Zeetano Chahad
Márcio Percival Alves Pinto
Marcos José Pérez Monteiro
Michael Paul Zeitlin
Neide Saraceni Hahn
Sérgio Besserman Vianna
Tania Di Giacomo do Lago

Conselho Fiscal
Caioco Ishiquirama
Fábio Alonso
Grace Maria Monteiro da Silva

Diretoria Adjunta de Produção e Análise de Dados – Dapad

Sonia Nahas de Carvalho
(gerente de Análise Socioeconômica)
Nádia Pinheiro Dini
(gerente de Metodologia e Estatística)
Alexandre Jorge Loloian (coordenador)

Guiomar de Haro Aquilini, Marcia Halben Guerra,
Leila Gonzaga, Maria de La Luz Prada Mato, Jussara
Moraes, Alexandre Constantino, Neuci Arizono, Sílvia
Regina Mancini, Edna Yukiko Taira e Susana Maria
Frias Pereira (equipe técnica)

Diretoria Executiva
Assessoria Técnica de Suporte Institucional
Maria Cecília Comegno

Diretoria Adjunta de Disseminação de Informações – Dadin

Gerência de Editoração e Arte
J. B. de Souza Freitas (MTE 10.477)
Programação Visual: Cristiane de Rosa Meira, Icléia
Alves Cury e Ivana B. Ruiz Toniato
Preparação de Texto: Denise Niy de Moraes
Revisão de Texto: Maria Aparecida Andrade e
Regiane Monteiro Pimentel Barboza

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade
Avenida Cásper Líbero 464 CEP 01033-000
São Paulo SP Fone (11) 2171.7200 Fax (11) 2171.7324
www.seade.gov.br
ouvidoria@seade.gov.br geadi@seade.gov.br

MULHER
Trabalho

**Fundação Sistema Estadual
de Análise de Dados – Seade**
Felicía Reicher Madeira
(Diretora Executiva)

**Conselho Estadual da
Condição Feminina – CECF**
Anelise Botelho (Presidente)

APRESENTAÇÃO

No ensejo do Dia Internacional da Mulher, este estudo que relata os resultados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo, em 2005, permite a apreciação de indicadores fundamentais para avaliar as relações de igualdade e gênero e acompanhar a evolução das desigualdades entre os sexos no mercado de trabalho.

Depois de conhecer expressivo crescimento, a taxa de participação feminina atingiu níveis superiores aos de vários países, de forma que os resultados dessa pesquisa confirmam que mais da metade das mulheres de 10 anos e mais (55,5%) se encontra, em 2005, no mercado de trabalho como ocupada ou desempregada. Essa expansão refletiu as profundas transformações ocorridas no Brasil, nas últimas décadas, nos âmbitos demográficos, sociais, culturais, políticos, econômicos e tecnológicos, que redundaram em redução das taxas de fecundidade, envelhecimento da população, aumento do número de mulheres chefes de família, expansão da escolaridade e novos valores relativos aos papéis das mulheres na sociedade.

Homens e mulheres têm, ao longo de todo o ciclo de vida, comportamentos inteiramente diferenciados ante o mundo do trabalho. A começar pela luta para sair de casa e se inserir no mercado, que exigiu e exige da mulher a transposição de inúmeros obstáculos e a convivência com diversas dificuldades associadas às responsabilidades domésticas e socializadoras desempenhadas por ela.

Não há como negar que as mulheres enfrentam adversidades muito maiores no mercado de trabalho do que os homens. À medida que o nível de participação feminina aumenta, tornam-se mais visíveis as diferenças entre os sexos em termos de desemprego (principalmente entre as mulheres negras), rendimento, presença em cargos de direção e precariedade na inserção ocupacional.

Nem o desempenho educacional, em que elas são melhores, tem afetado a distância entre o rendimento das mulheres e o dos homens, mesmo quando ambos possuem nível de instrução superior. Além disso, em 2005, os resultados da pesquisa mostram decréscimo dos ren-

APRESENTAÇÃO

dimento médios auferidos pelas mulheres, contribuindo para aumentar a desigualdade de remuneração entre os sexos.

Apesar dessas limitações, observam-se alguns indicadores favoráveis para as mulheres nesse ano: as taxas de desemprego decresceram; o nível de ocupação continua aumentando e repetindo o bom desempenho de 2004; houve acréscimo de assalariadas com carteira assinada; a ocupação feminina na indústria expandiu-se quase quatro ve-

zes mais que o observado nos serviços domésticos, entre outros.

Para avançar e eliminar as persistentes diferenças, há vários desafios a vencer, sobretudo em áreas em que as mulheres alcançaram relativa igualdade, como educação e mercado de trabalho. Nesse sentido, impõe-se a necessidade de estruturar e articular políticas que induzam à igualdade de oportunidades, em especial nessas áreas que podem transformar a hierarquização das relações de gênero na sociedade.

Anelise Botelho

Presidente do Conselho Estadual
da Condição Feminina

O Mercado de Trabalho Feminino na Região Metropolitana de São Paulo em 2005

Após longo período de crescimento, a proporção de mulheres que participam do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo permaneceu estável em 2005 (55,5%), embora no maior patamar desde 1985. Já entre os homens, manteve-se a tendência de redução desse indicador, ao passar de 73,0%, em 2004, para 72,4%, em 2005. A diferença de participação entre os sexos é a menor da série da pesquisa.

No ano em análise, aumentou a presença de mulheres de 25 a 49 anos e negras e, entre os homens, saíram do mercado de trabalho, principalmente, adultos, chefes de domicílio e negros.

A taxa de desemprego total das mulheres, entre 2004 e 2005, diminuiu de 21,5% para 19,7% da População Economicamente Ativa feminina (PEA). Entre os homens, o decréscimo foi mais intenso: passou de 16,3% para 14,4%, ampliando a diferença entre as taxas de desemprego de mulheres e homens.

A redução da taxa de desemprego total entre as mulheres decorreu do aumento de seu nível ocupacional, uma vez que sua presença no mercado de trabalho manteve-se estável. No caso

dos homens, frente à redução de sua taxa de participação, a diminuição do desemprego refletiu o crescimento da ocupação aliado à saída do mercado de trabalho.

O crescimento da ocupação entre as mulheres (4,2%) refletiu o desempenho positivo de todos os setores de atividade analisados, com destaque para o industrial, cuja variação foi de 8,8%, em 2005. Para os homens, o aumento do nível de ocupação (2,4%) também foi setorialmente generalizado, mas com intensidade muito inferior ao observado entre as mulheres. Na Indústria, por exemplo – setor em que o crescimento do número de ocupações masculinas foi mais intenso –, a taxa de crescimento correspondente foi de 3,7%. Como resultado desses ritmos diferenciados de geração de ocupações por sexo, tem-se que, do saldo de postos de trabalho criados em 2005, na RMSP, 60,4% foram ocupados pelas mulheres.

Em contraste com o bom desempenho do nível de ocupação feminina, em 2005, observou-se que o rendimento médio por hora das mulheres ocupadas diminuiu 2,1%, enquanto o dos

INTRODUÇÃO

homens aumentou ligeiramente (0,7%). Com isso, o valor recebido pelas mulheres (R\$ 4,87) passou a corresponder a 75,6% do recebido pelos homens (R\$ 6,44).

Tal comportamento dos rendimentos médios horários é reflexo das características dos postos de trabalho em que boa parte das mulheres se inseriram, em 2005.

MERCADO DE TRABALHO

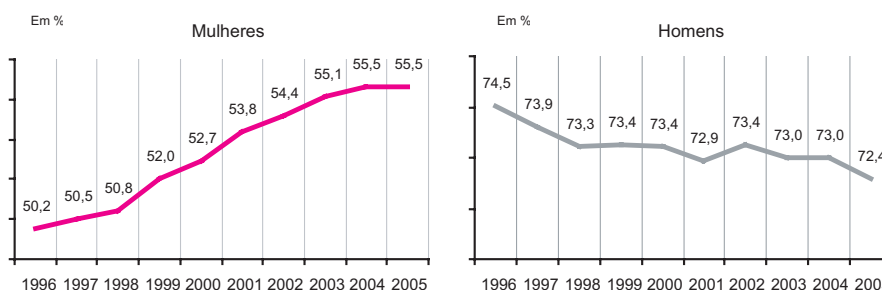
Estabilidade na participação das mulheres no mercado de trabalho da RMSP

A taxa de participação feminina no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo – proporção de mulheres com dez anos de idade ou mais na situação de ocupadas ou desempregadas – manteve-se estável entre 2004 e 2005 (55,5%). Embora no maior patamar desde o início da pes-

quisa, é a primeira vez, nos últimos dez anos, que essa taxa não apresentou crescimento.

Por seu turno, a taxa de participação masculina manteve trajetória declinante ao passar de 73,0%, em 2004, para 72,4%, em 2005, o que corresponde a uma variação de -0,8% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Taxas de Participação, por Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
1996-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Os movimentos da taxa de participação feminina foram diferenciados por grupo de idade, com redução da presença de pessoas nas faixas etárias extremas – mais jovens e mais velhas –, aumento (1,1%) para aquelas na faixa

etária de 25 a 39 anos e, para as demais, pequenas variações positivas (0,4% para a de 40 a 49 anos) ou negativas (0,4% e 0,1% nas de 50 a 59 anos e 18 a 24 anos, respectivamente, conforme a Tabela 1).

MERCADO DE TRABALHO

Tabela 1
Taxas de Participação, por Sexo, segundo Faixa Etária
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Faixa Etária	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total (1)	55,5	55,5	73,0	72,4	0,0	-0,8
18 a 24 Anos	77,4	77,3	89,3	89,1	-0,1	-0,2
25 a 39 Anos	75,4	76,2	94,3	93,5	1,1	-0,8
40 a 49 Anos	68,1	68,4	90,5	89,5	0,4	-1,1
50 a 59 Anos	47,3	47,1	75,8	75,7	-0,4	-0,1
60 Anos e Mais	13,0	12,7	34,8	33,1	-2,3	-4,9

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
(1) Inclusive as pessoas de 10 a 17 anos.

A redução da taxa de participação masculina foi generalizada nas faixas etárias analisadas, com destaque para as mais elevadas: suas variações no ano foram de 4,9%, na de 60 anos e mais, de

1,1% na de 40 a 49 anos e de 0,8% na de 25 a 39 anos.

Com relação à posição no domicílio (Tabela 2), observou-se, entre as mulheres, decréscimo da taxa de participa-

Tabela 2
Taxas de Participação, por Sexo, segundo Posição no Domicílio
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Posição no Domicílio	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	55,5	55,5	73,0	72,4	0,0	-0,8
Chefe	59,6	59,1	82,5	81,3	-0,8	-1,5
Cônjuge	55,8	55,9	79,1	76,9	0,2	-2,8
Filho	54,6	54,6	59,1	59,2	0,0	0,2
Outros	49,5	49,0	68,7	68,3	-1,0	-0,6

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

MERCADO DE TRABALHO

ção das chefes (0,8%) e das demais moradoras (1,0%) e relativa estabilidade das cônjuges (0,2%). Entre os homens, destacou-se a redução para os chefes de domicílio (1,5%). Houve variação negativa para os demais moradores do domicílio (0,6%) e relativa estabilidade entre os filhos (0,2%).

Considerando o atributo raça/cor,¹ o crescimento da taxa de participação

das mulheres negras (0,9%) compensou a pequena redução dessa taxa entre as mulheres não-negras (0,6%). Entre os homens, nota-se que os negros se retiraram do mercado de trabalho com mais intensidade que os não-negros, pois suas taxas de participação reduziram-se em 1,5% e 0,4%, respectivamente (Tabela 3).

Tabela 3
Taxas de Participação, por Sexo, segundo Raça/Cor
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Raça/Cor	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	55,5	55,5	73,0	72,4	0,0	-0,8
Negra	57,6	58,1	72,7	71,6	0,9	-1,5
Não-Negra	54,3	54,0	73,2	72,9	-0,6	-0,4

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Refletindo a tendência de aumento da média de anos de estudo da população e dos maiores requerimentos de escolaridade exigidos pelas empresas, manteve-se o movimento de saída do mercado de trabalho das pessoas com menor escolaridade: quanto menos instruído o grupo, mais acentuado o decréscimo de sua taxa de participação, independentemente do sexo.

No caso das mulheres, as reduções das taxas de participação específicas foram mais intensas entre as analfabetas ou que não completaram o ensino fundamental (2,5%), as que completaram apenas o ensino fundamental (1,9%) e as que completaram o ensino médio (1,1%). O único segmento cuja taxa de participação não diminuiu foi o das mulheres com o ensino superior completo

1. O segmento de negros consiste em negros e pardos e o de não-negros, em brancos e amarelos.

MERCADO DE TRABALHO

(0,1%). Movimentos semelhantes foram observados entre os homens, mas, neste caso, mesmo os que completaram o ensino superior apresentaram variação negativa de sua taxa de participação (0,4%).

Tabela 4
Taxas de Participação, por Sexo, segundo Nível de Escolaridade
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Nível de Escolaridade	Em porcentagem					
	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	55,5	55,5	73,0	72,4	0,0	-0,8
Analfabeto/Fundamental Incompleto	36,7	35,8	57,5	55,7	-2,5	-3,1
Fundamental Completo/Médio Incompleto	57,3	56,2	75,9	75,2	-1,9	-0,9
Médio Completo/Superior Incompleto	76,0	75,2	90,0	89,8	-1,1	-0,2
Superior Completo	82,9	83,0	91,2	90,8	0,1	-0,4

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

DESEMPREGO**Taxa de desemprego feminina diminui e é a menor desde 1998**

Como demonstrado na seção anterior, a participação das mulheres no mercado de trabalho tem aumentado continuamente, mas seu acesso a uma ocupação ainda reflete as desigualdades de gênero observadas em outros setores da sociedade. Tal afirmação pode ser comprovada pelo fato de sua taxa de desemprego ser sempre superior à dos homens (Gráfico 2), expressando a maior dificuldade delas em obter uma ocupação.²

Quando se analisa o comportamento do desemprego feminino na Região Metropolitana de São Paulo, observa-se que, entre 2004 e 2005, a taxa de desemprego total³ diminuiu de 21,5% para 19,7% da PEA feminina, atingindo o menor valor desde 1998.

Ao contrário do observado no ano anterior, quando esta taxa decresceu mais intensamente entre as mulheres, a taxa de desemprego total dos homens diminuiu com intensidade ainda maior,

passando de 16,3% para 14,4% da PEA masculina.

Desde 2000, a maior parte dos desempregados da RMSPE é do sexo feminino. Com esse movimento, as mulheres, que representavam 52,9% do total de desempregados em 2004, passaram a corresponder a 54,0%, no ano em análise. Além disso, o sobredesemprego⁴ feminino, que já era elevado, aumentou ainda mais, alcançando o maior patamar desde 2002 (Tabela 5).

Como no ano anterior, o decréscimo da taxa de desemprego feminino total resultou basicamente do crescimento do nível ocupacional: como a proporção de mulheres no mercado de trabalho permaneceu estável e seu nível de ocupação ampliou-se, aquele decréscimo indica que parcela das desempregadas conseguiu ocupar-se. Entre os homens, também reduziu-se a taxa de desemprego total mas, como diminuiu sua taxa de

2. Ver *Boletim Mulher & Trabalho*, nº 5, setembro de 2001, da Fundação Seade.

3. Desemprego total expressa a soma dos desempregos aberto e oculto. O desemprego aberto refere-se às pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum tipo de atividade nos 7 últimos dias. O desemprego oculto corresponde às seguintes situações: a) desemprego oculto pelo trabalho precário: pessoas que, para sobreviver, exerceram algum trabalho, de auto-ocupação, de forma descontínua e irregular, ainda que não remunerado em negócios de parentes e, além disso, tomaram providências concretas, nos 30 dias anteriores ao da entrevista ou até 12 meses atrás, para conseguir um trabalho diferente deste; b) desemprego oculto pelo desalento e outros: pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses.

4. Proporção de quanto a taxa de desemprego das mulheres é superior à dos homens.

DESEMPREGO

Tabela 5
Taxas de Desemprego Total, por Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
1985-2005

Em porcentagem

Ano	Mulheres (1)	Varição Anual	Homens (2)	Varição Anual	Relação (1)/(2)
1985	15,5	-	10,1	-	53,5
1986	12,7	-18,1	7,6	-24,8	67,1
1987	12,2	-3,9	7,3	-3,9	67,1
1988	12,1	-0,8	8,1	11,0	49,4
1989	10,6	-12,4	7,5	-7,4	41,3
1990	12,1	14,2	9,1	21,3	33,0
1991	13,0	7,4	10,8	18,7	20,4
1992	17,1	31,5	13,9	28,7	23,0
1993	16,3	-4,7	13,4	-3,6	21,6
1994	16,4	0,6	12,7	-5,2	29,1
1995	15,3	-6,7	11,8	-7,1	29,7
1996	17,2	12,4	13,5	14,4	27,4
1997	18,3	6,4	14,2	5,2	28,9
1998	21,1	15,3	16,1	13,4	31,1
1999	21,7	2,8	17,3	7,5	25,4
2000	20,9	-3,7	15,0	-13,3	39,3
2001	20,8	-0,5	14,9	-0,7	39,6
2002	22,2	6,7	16,4	10,1	35,4
2003	23,1	4,1	17,2	4,9	34,3
2004	21,5	-6,9	16,3	-5,2	31,9
2005	19,7	-8,4	14,4	-11,7	36,8

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

participação, pode-se admitir que a retração do desemprego refletiu não só o aumento do nível de ocupação como também a saída de pessoas do mercado de trabalho.

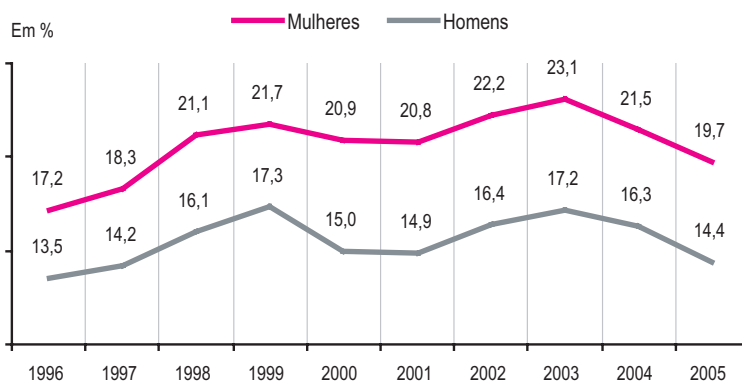
Quanto aos componentes do desemprego total, em 2005, verificaram-se reduções das taxas de desemprego aberto e oculto para ambos os sexos, mas com maior intensidade entre os homens. Note-se que a taxa de desempre-

go oculto pelo trabalho precário entre as mulheres permaneceu estável e foi a única a não registrar retração (Tabela 6).

A análise do desemprego por idade mostra redução generalizada da taxa de desemprego total, para ambos os sexos (Tabela 7). Entre as mulheres, os maiores decréscimos ocorreram nas faixas etárias de 40 a 49 anos (9,0%) e de 25 a 39 anos (7,7%).

DESEMPREGO

Gráfico 2
Taxas de Desemprego Total, por Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
1996-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Tabela 6
Taxas de Desemprego, por Sexo, segundo Tipo
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Tipo de Desemprego	Em porcentagem					
	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	21,5	19,7	16,3	14,4	-8,4	-11,7
Aberto	14,5	13,3	9,2	8,1	-8,3	-12,0
Oculto	7,0	6,4	7,1	6,4	-8,6	-9,9
Pelo Trabalho Precário	4,1	4,1	6,0	5,5	0,0	-8,3
Pelo Desalento	2,9	2,3	1,1	0,9	-20,7	-18,2

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Em ambos os casos o desemprego diminuiu devido ao aumento do nível de ocupação, pois foram as únicas faixas etárias cujas taxas de participação se elevaram.

Também entre os homens, a redução da taxa de desemprego total atingiu todas as faixas etárias. As reduções mais intensas foram registradas nas de 50 a 59 anos (22,0%) e de 18 a 24 anos (12,7%)

DESEMPREGO

Tabela 7
Taxas de Desemprego Total, por Sexo, segundo Faixa Etária
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Faixa Etária	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total (1)	21,5	19,7	16,3	14,4	-8,4	-11,7
18 a 24 Anos	32,9	30,6	25,9	22,6	-7,0	-12,7
25 a 39 Anos	18,2	16,8	11,5	10,6	-7,7	-7,8
40 a 49 Anos	13,4	12,2	11,1	10,0	-9,0	-9,9
50 a 59 Anos	10,7	10,3	11,8	9,2	-3,7	-22,0
60 Anos e Mais	-(2)	-(2)	8,3	-(2)	-	-

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inclusive as pessoas de 10 a 17 anos.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

e refletiram o crescimento do nível de ocupação, já que suas respectivas taxas de participação pouco se alteraram.

Por posição no domicílio, observa-se que diminuiu a taxa de desemprego total, para ambos os sexos, em todos os segmentos analisados (Tabela 8). Para as mulheres, os decréscimos foram mais intensos entre as filhas (10,1%) e as cônjuges (9,3%) e, para os homens, entre os outros moradores do domicílio (17,0%) e os chefes (11,5%).

Esses resultados são influenciados por movimentos de entrada e saída do mercado de trabalho, diferenciados segundo o sexo e a posição no domicílio. Por exemplo, a redução do desemprego

entre as cônjuges e filhas reflete sua maior inserção como ocupadas, pois sua taxa de participação permaneceu estável.

No caso dos homens, a redução da taxa de desemprego total dos chefes foi fortemente influenciada por sua saída do mercado de trabalho.

Segundo raça/cor, vale lembrar que os negros, em geral, são mais atingidos pelo desemprego. Entre eles, são as mulheres que, historicamente, apresentam taxas de desemprego ainda mais elevadas. Além disso, há uma sobre-representação dos negros entre os desempregados, particularmente no caso das mulheres.⁵

5. Para uma visão mais abrangente sobre a mulher negra desempregada e sua participação no mercado de trabalho da RMSP, ver *Boletim Mulher & Trabalho*, nº 4, junho de 2001, da Fundação Seade.

DESEMPREGO

Tabela 8
Taxas de Desemprego Total, por Sexo, segundo Posição no Domicílio
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Posição no Domicílio	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	21,5	19,7	16,3	14,4	-8,4	-11,7
Chefe	12,9	12,4	9,6	8,5	-3,9	-11,5
Cônjuge	18,2	16,5	-(1)	-(1)	-9,3	-
Filho	31,6	28,4	27,9	25,5	-10,1	-8,6
Outros	23,1	23,0	25,3	21,0	-0,4	-17,0

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Em 2005, a taxa de desemprego total das mulheres negras diminuiu 5,5%, muito menos que a registrada entre as não-negras (10,4%). Entre os homens, a variação desse indicador não apresentou igual discrepância: diminuiu 10,5% entre os negros e 10,6% entre os não-negros (Tabela 9).

Ao analisar o comportamento do desemprego total segundo escolarida-

de, verifica-se redução generalizada para os dois sexos, mais intensa entre os homens. Somente entre aqueles com nível superior completo a taxa de desemprego total elevou-se.

Para ambos os sexos, a redução foi mais intensa entre os que possuem ensino fundamental completo. Como as taxas de participação desse segmento também diminuíram, sobretudo para as

Tabela 9
Taxas de Desemprego Total, por Sexo, segundo Raça/Cor
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em porcentagem

Raça/Cor	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	21,5	19,7	16,3	14,4	-8,4	-11,7
Negra	25,4	24,0	20,0	17,9	-5,5	-10,5
Não-Negra	19,2	17,2	14,1	12,6	-10,4	-10,6

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

DESEMPREGO

mulheres, pode-se inferir que os homens com esse nível de ensino tiveram maior acréscimo no nível de ocupação que as mulheres (Tabela 10).

Em 2005, o tempo médio sem trabalho das mulheres com experiência anterior diminuiu em dois meses. Entre os

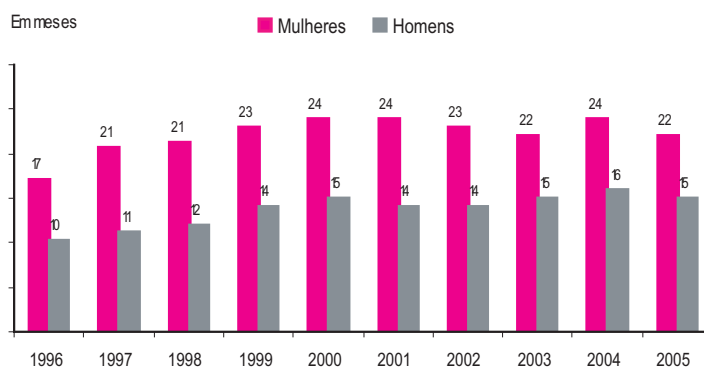
homens, a diminuição foi de um mês, após dois anos consecutivos em elevação. Apesar disso, a média de tempo sem trabalho das mulheres ainda é bastante superior à dos homens (22 e 15 meses, respectivamente, conforme o Gráfico 3).

Tabela 10
Taxas de Desemprego Total, por Sexo, segundo Nível de Escolaridade
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Nível de Escolaridade	Em porcentagem					
	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	21,5	19,7	16,3	14,4	-8,4	-11,7
Analfabeto/Fundamental Incompleto	20,7	19,1	18,1	16,2	-7,7	-10,5
Fundamental Completo/Médio Incompleto	32,1	29,3	22,5	19,9	-8,7	-11,6
Médio Completo/Superior Incompleto	22,0	20,3	14,0	12,5	-7,7	-10,7
Superior Completo	7,9	7,4	5,6	5,8	-6,3	3,6

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Gráfico 3
Tempo Médio sem trabalho, por Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
1996-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
Nota: Somente os desempregados com experiência anterior de trabalho.

OCUPAÇÃO

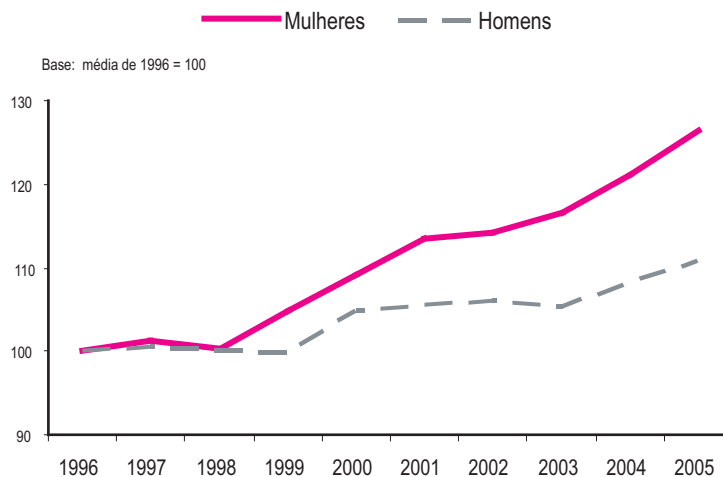
Ocupação das mulheres cresce mais que a dos homens

O nível de ocupação feminina aumentou 4,2%, em 2005, mantendo a trajetória de crescimento pelo sétimo ano consecutivo e repetindo o bom desempenho de 2004 (4,1%). Entre os homens, o nível ocupacional também se elevou, mas em ritmo inferior ao das mulheres (2,4%, em 2005 e 2,6%, em 2004, confor-

me o Gráfico 4). Isso implicou o aumento da participação feminina no total de ocupados (de 44,2% em 2004 para 44,7% em 2005), tendência que vem sendo observada continuamente ao longo da série da pesquisa.

Em 2005, o crescimento do nível ocupacional das mulheres deveu-se ao

Gráfico 4
Índices do Nível de Ocupação, por Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
1996-2005



Fonte: SEP, Convênio Seade - Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

OCUPAÇÃO

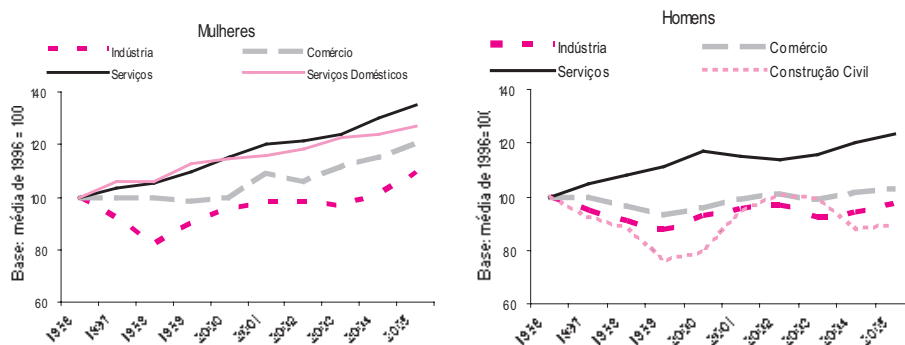
desempenho positivo da Indústria (8,8%), do Comércio (4,8%), dos Serviços (4,0%) e, em menor medida, dos Serviços Domésticos (2,1%). Entre os homens, houve acréscimo na Indústria (3,7%), nos Serviços (2,5%), no Comércio (1,1%), na Construção Civil (1,9%) e nos Serviços Domésticos (10,3%) (Gráfico 5).

Os **Serviços**, que abrigam mais da metade das mulheres ocupadas na RMSP (50,8%), mantiveram-se em expansão (Tabelas 11 e 12). O nível de ocupação feminina, em 2005, elevou-se em 4,0%. Entre os ramos que mais cresceram, destacam-se: Serviços Auxiliares (21,3%); Comunitários (10,1%); Comércio e Administra-

ção de Valores Imobiliários e de Imóveis (9,6%); Administração Pública, Forças Armadas e Polícia (6,9%); Outros Serviços de Reparação e Limpeza (6,1%) e Saúde (5,3%).

As mulheres que se ocuparam nos Serviços foram contratadas, principalmente, como assalariadas no segmento privado (6,7%), com e sem carteira de trabalho assinada (6,2% e 8,1%, respectivamente). Também se inseriram como autônomas (5,8%), principalmente trabalhando para empresas (10,6%). No setor público, tradicional nicho do emprego feminino, diminuiu o contingente de mulheres ocupadas (2,4%).

Gráfico 5
Índices do Nível de Ocupação, por Sexo, segundo Setor de Atividade
Região Metropolitana de São Paulo
1996-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade - Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

OCUPAÇÃO

Tabela 11
Distribuição dos Ocupados, por Sexo, segundo Setor de Atividade
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Setor de Atividade	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2004	2005	2004	2005
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	14,5	15,1	22,7	23,0
Comércio	15,0	15,1	17,1	16,8
Serviços	50,9	50,8	54,9	54,9
Construção Civil	-(1)	-(1)	3,8	3,8
Serviços Domésticos	18,7	18,3	0,7	0,8

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

No **Comércio**, setor em que atuam 15,1% das mulheres ocupadas na RMSp, o aumento do nível de ocupação feminina foi de 4,8% em 2005, com destaque para o Comércio Varejista de Outros Produtos realizado em lojas⁶ (11,9%). A geração de postos de trabalho foi mais intensa no assalariamento do setor privado (5,5%), sobretudo sem carteira de trabalho assinada (10,6%), e no trabalho autônomo (5,6%), especialmente o que atende diretamente o público (6,8%).

A **Indústria** apresentou aumento de 8,8%, sendo responsável por 15,1% das

mulheres ocupadas. O crescimento do número de ocupações femininas deu-se principalmente nos ramos Químico, Farmacêutico e de Plásticos (12,3%); de Alimentação (12,2%); de Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido (11,9%) e Metal-Mecânico (9,6%). Neste setor, o aumento das ocupações femininas concentrou-se no trabalho assalariado do setor privado (10,0%), sobretudo com carteira de trabalho assinada (12,0%), e no trabalho autônomo (8,4%), especialmente o que atende as empresas (17,5%).

6. Trata-se do ramo Comércio Varejista de Outros Produtos, que compõe-se de estabelecimentos especializados na venda de produtos farmacêuticos, artigos médicos e ortopédicos, máquinas e aparelhos de uso doméstico e pessoal, móveis, artigos de iluminação e outros artigos para residência, material de construção, ferragens, ferramentas manuais, equipamentos e materiais de escritório, livros, jornais, revistas e papelaria, gás liquefeito de petróleo e lojas de conveniência.

OCUPAÇÃO

Tabela 12
Índices do Nível de Ocupação, por Sexo, segundo Setor de Atividade
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Base: média de 1989 = 100

Setor de Atividade	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total	142,4	148,4	111,9	114,6	4,2	2,4
Indústria	76,8	83,6	69,1	71,7	8,8	3,7
Comércio	156,0	163,4	123,6	124,9	4,8	1,1
Serviços	168,3	175,0	152,4	156,2	4,0	2,5
Construção Civil	-(1)	-(1)	71,6	73,0	-	1,9
Serviços Domésticos	176,9	180,6	169,7	187,2	2,1	10,3

Fonte: SEP, Convênio Seade - Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Os Serviços Domésticos têm perdido importância para a inserção ocupacional das mulheres, mas ainda abriga 18,3% das ocupadas na RMSP. Em 2005, aumentou em 2,1% o número de mulheres nesse segmento, particularmente na condição de diaristas, cuja taxa de crescimento atingiu 12,7%, enquanto houve redução de 1,1% entre as mensalistas (Tabela 13).

A Tabela 14 mostra o comportamento do nível de ocupação, para ambos os sexos, por posição ocupacional. Nota-se que, em 2005, o assalariamento total cresceu mais intensamente para as mulheres (5,0%) do que para os homens (4,3%), resultado do aumento diferenciado por sexo do emprego no setor privado (6,9% e 5,0%, respectivamente), já que a redução registrada no emprego

público atingiu homogeneamente homens e mulheres (2,4% e 2,1%, respectivamente).

No interior do setor privado, o crescimento do assalariamento com carteira de trabalho também foi mais favorável para as mulheres (7,0%) que para os homens (6,6%). Porém, a grande diferença de comportamento foi registrada no assalariamento sem carteira de trabalho assinada, que cresceu 6,3% para as mulheres e manteve-se estável (0,2%) para os homens (Tabela 14).

No âmbito do trabalho autônomo, o crescimento do nível de ocupação também foi mais favorável para as mulheres, pois elevou-se em 5,7%, enquanto para os homens houve redução de 2,2%. Ao se desagregar o trabalho autônomo entre o que é prestado às empresas e o

OCUPAÇÃO

que atende diretamente ao público, mais uma vez é nítida a vantagem das mulheres nos dois segmentos. Seu nível de ocupação elevou-se, respectivamente,

em 11,2% e 2,2%, enquanto o dos homens manteve-se relativamente estável no primeiro segmento (0,3%) e diminuiu 3,9% no segundo.

Tabela 13
Distribuição dos Ocupados, por Sexo, segundo Posição na Ocupação
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Posição na Ocupação	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2004	2005	2004	2005
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Assalariado Total (1)	57,5	57,9	66,5	67,8
Setor Privado	46,2	47,4	60,2	61,7
Com Carteira Assinada	34,3	35,2	44,9	46,7
Sem Carteira Assinada	12,0	12,2	15,4	15,0
Setor Público	11,2	10,5	6,3	6,0
Autônomo	17,7	17,9	24,6	23,5
Trabalha para o Público	10,8	10,6	14,4	13,5
Trabalha para Empresa	6,9	7,4	10,2	10,0
Empregador	2,9	2,7	5,9	6,0
Empregado Doméstico	18,7	18,3	0,7	0,8
Mensalista	14,4	13,7	-(2)	-(2)
Diarista	4,3	4,6	-(2)	-(2)
Trabalhador Familiar	1,9	1,7	0,9	0,7
Demais	1,4	1,4	1,4	1,3

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inclusive os assalariados que não informaram o segmento em que trabalham.

(2) A amostra não comporta desagregação para essa categoria.

OCUPAÇÃO

Tabela 14
Índices do Nível de Ocupação, por Sexo, segundo Posição na Ocupação
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Base: média de 1989 = 100

Posição na Ocupação	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Total (1)	142,4	148,4	111,9	114,6	4,2	2,4
Assalariado (2)	125,2	131,5	97,5	101,7	5,0	4,3
Setor Privado	125,9	134,6	98,8	103,7	6,9	5,0
Com Carteira Assinada	109,4	117,1	86,2	91,9	7,0	6,6
Sem Carteira Assinada	222,4	236,5	172,0	172,4	6,3	0,2
Setor Público	124,1	121,2	89,5	87,6	-2,4	-2,1
Autônomo	168,1	177,7	171,2	167,5	5,7	-2,2
Trabalha para o Público	161,3	164,8	153,0	147,0	2,2	-3,9
Trabalha para Empresa	179,9	200,0	205,5	206,2	11,2	0,3
Empregador	215,6	214,2	119,0	123,8	-0,7	4,0
Trabalhador Doméstico	176,9	180,6	169,7	187,2	2,1	10,3
Mensalista	200,1	197,9	-(3)	-(3)	-1,1	-
Diarista	127,3	143,4	-(3)	-(3)	12,7	-
Trabalhador Familiar	122,4	111,0	94,1	81,0	-9,3	-13,9

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inclusive as demais posições na ocupação.

(2) Inclusive as assalariadas que não informaram o segmento em que trabalham.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

RENDIMENTOS

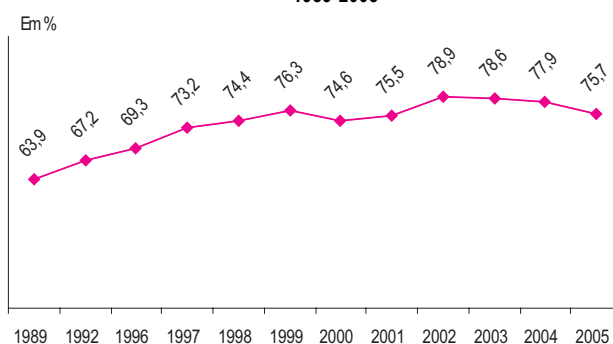
Rendimentos voltam a diminuir para as mulheres

Em 2005, o rendimento anual médio⁷ das mulheres ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo equivalia a R\$ 813, enquanto o dos homens era de R\$ 1.267.

Como a jornada de trabalho semanal média das mulheres – geralmente em razão de suas atribuições com o cuidado da casa e da família – é tradicionalmente menor que a dos homens (39 e 46 horas, respectivamente, em 2005), o rendimento médio real por hora é a medida mais apropriada para a comparação entre os dois contingentes.

Em 2005, as mulheres passaram a receber R\$ 4,87 por hora, valor 2,1% menor que no ano anterior, repetindo o comportamento negativo observado de 1998 a 2003. Para os homens, esse rendimento foi estimado em R\$ 6,44. Em comparação com o do ano anterior, elevou-se ligeiramente (0,7%), mantendo, com menor ritmo, o desempenho positivo de 2004 (Tabela 15). Em razão desse comportamento diferenciado, as mulheres passaram a perceber 75,7% do rendimento horário médio dos homens, relação que, em 2004, era de 77,9% (Gráfico 6).

Gráfico 6
Rendimento Médio Real por Hora de Mulheres Ocupadas
em Relação ao Rendimento Médio Real por Hora de Homens Ocupados (1)
Região Metropolitana de São Paulo
1989-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

7. Os dados de rendimento em 2005 referem-se ao período de dezembro de 2004 a novembro de 2005.

RENDIMENTOS

Ao se distinguir o comportamento do rendimento médio real por hora das mulheres segundo as diferentes posições ocupacionais, notam-se situações muito heterogêneas (Tabela 15): diminuiu entre as assalariadas (1,3%) e as empregadoras (11,1%), mas elevou-se entre as trabalhadoras autônomas (2,8%) e domésticas (3,2%).

Detalhando ainda mais, tem-se que, entre as assalariadas, houve redução no setor público (2,6%) e crescimento no privado (2,4%), com redução para as que possuíam carteira de trabalho assinada (2,4%) e aumento para as que não a possuíam (12,3%).

Entre os homens, predominou o aumento do rendimento horário médio, mas

Tabela 15
Rendimento Médio Real (1) por Hora dos Ocupados no Trabalho Principal,
por Sexo, segundo Posição na Ocupação
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em reais de novembro de 2005

Posição na Ocupação	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Ocupado	4,98	4,87	6,39	6,44	-2,1	0,7
Assalariado (2)	5,87	5,79	6,31	6,42	-1,3	1,7
Setor Privado	5,01	5,13	5,86	5,97	2,4	2,0
Com Carteira Assinada	5,65	5,51	6,43	6,52	-2,4	1,4
Sem Carteira Assinada	3,28	3,68	4,12	4,26	12,3	3,2
Setor Público	9,57	9,33	10,66	10,86	-2,6	2,0
Autônomo	3,07	3,15	4,51	4,67	2,8	3,6
Trabalha para Empresa	3,66	3,86	5,57	5,65	5,3	1,4
Trabalha para o Público	2,62	2,66	3,92	4,12	1,5	5,1
Empregador	9,93	8,83	13,99	12,87	-11,1	-8,0
Trabalhador Doméstico	2,38	2,45	-(3)	-(3)	3,2	-
Mensalista	2,22	2,31	-(3)	-(3)	3,8	-
Diarista	3,53	3,37	-(3)	-(3)	-4,5	-

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. Excluídos os que não trabalharam na semana, os assalariados e empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(2) Inclusive os assalariados que não informaram o segmento em que trabalham.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

RENDIMENTOS

com intensidades diferenciadas. Para o conjunto dos assalariados aumentou 1,7%, tanto no setor público como no privado. Entre os últimos, os que possuíam carteira de trabalho assinada obtiveram elevação menor (1,4%) do que os que não a possuíam (3,2%).

Os autônomos também tiveram seus rendimentos elevados (3,6%), restando os empregadores como a situação excepcional, uma vez que seus rendimentos diminuiriam 8,0%.

Como resultado desses desempenhos, alteraram-se os diferenciais entre os rendimentos horários de homens e mulheres segundo posição ocupacional. Alguns casos merecem destaque: no setor público, a relação entre o rendi-

mento feminino e o masculino passou de 89,8%, em 2004, para 85,9%, em 2005; entre os assalariados do setor privado que possuíam carteira de trabalho assinada, tal relação passou de 87,9% para 84,5% e entre os que não a possuíam, de 79,6% para 86,4%.

Replicando essa análise por setor de atividade (Tabela 16), nota-se que o rendimento horário médio das mulheres diminuiu apenas nos Serviços (4,2%), tornando-se equivalente a R\$ 6,29. Nos demais setores, as elevações foram de 5,2% no Comércio (atingindo R\$ 3,66); 3,2% nos Serviços Domésticos (R\$ 2,45) e de 2,0% na Indústria (R\$ 4,64).

Para os homens, observaram-se os seguintes resultados: elevação dos ren-

Tabela 16
Rendimento Médio Real (1) por Hora dos Ocupados no Trabalho Principal,
por Sexo, segundo Setor de Atividade
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em reais de novembro de 2005

Setor de Atividade	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Ocupados (2)	4,98	4,87	6,39	6,44	-2,1	0,7
Indústria	4,55	4,64	7,36	7,58	2,0	3,0
Comércio	3,48	3,66	4,58	4,50	5,2	-1,8
Serviços	6,57	6,29	6,68	6,83	-4,2	2,3
Construção Civil	-(3)	-(3)	5,51	5,41	-	-1,8
Serviços Domésticos	2,38	2,45	-(3)	-(3)	3,2	-

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. Excluídos os que não trabalharam na semana, os assalariados e empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(2) Inclui os demais setores de atividade.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

RENDIMENTOS

dimentos horários na Indústria (3,0%) e nos Serviços (2,3%), que passaram a equivaler a R\$ 7,58 e R\$ 6,83, respectivamente; e retração de 1,8% tanto no Comércio como na Construção Civil, tornando-se equivalentes a R\$ 4,50 e R\$ 5,41, respectivamente.

Desse modo, a relação dos rendimentos médios de mulheres e homens também se alterou sob a perspectiva setorial: diminuiu nos Serviços (de 98,4%, em 2004, para 92,1%, em 2005), aumentou no Comércio (de 76,0% para 81,3%) e praticamente não se alterou na Indústria (de 61,8% para 61,2%).

O comportamento dos rendimentos horários médios de homens e mulheres segundo nível de escolaridade também apresentou algumas particularidades. Entre 2004 e 2005, diminuiu o rendimen-

to por hora para mulheres e homens com maior escolaridade: entre os que completaram o ensino superior a redução foi de 6,6% para as mulheres e de 2,2% para os homens; e entre os que completaram o ensino médio, foi de 1,2% para as mulheres e de 2,5% para os homens. Ressalte-se que os rendimentos de homens e mulheres com nível superior completo são expressivamente maiores do que os dos demais grupos de instrução (R\$ 20,35 e R\$ 13,68, respectivamente). Nesse e nos demais grupos, as mulheres recebem cerca de 67% do valor pago aos homens, evidenciando que mesmo as mulheres mais escolarizadas – e elas o são em maior proporção que os homens – têm dificuldade em se inserir em postos de trabalho melhor remunerados (Tabela 17).

Tabela 17
Rendimento Médio Real (1) por Hora dos Ocupados no Trabalho Principal,
por Sexo, segundo Nível de Instrução
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em reais de novembro de 2005

Nível de Instrução	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Ocupados (2)	4,98	4,87	6,39	6,44	-2,1	0,7
Analfabeto+Fundamental Incompleto	2,33	2,34	3,40	3,50	0,5	3,2
Fundamental Completo+Médio Incompleto	2,83	2,85	4,14	4,31	0,7	
Médio Completo+Superior Incompleto	4,50	4,44	6,57	6,40	-1,2	-2,5
Superior Completo	14,65	13,68	20,81	20,35	-6,6	-2,2

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. Exclusivo os assalariados e empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(2) Inclusive os que não declararam nível de instrução.

RENDIMENTOS

Distinguindo os rendimentos das mulheres segundo sua posição no domicílio, observa-se que, em 2005, não havia diferenciação desses valores entre as que são chefes de domicílio e as cônjuges (R\$ 5,36 e R\$ 5,26, respectivamente), embora para ambos os segmentos tenham se reduzido entre 2004 e 2005 (1,8% e 3,0%). Em relação a essas posições no domicílio, as filhas perceberam rendimentos mais baixos (R\$ 4,31) – o que deve estar muito mais relacionado com sua idade do que com sua condição de filhas –, mas praticamente iguais aos registrados em 2004 (Tabela 18).

Em 2005, a composição do rendimento médio familiar segundo a contribuição de seus membros pouco se alterou em relação a 2004. A dos chefes de domicílio passou de 65,7% para 65,0%,

a dos cônjuges, de 17,2% para 17,5% e a dos filhos, de 13,7% para 14,0% (Gráfico 7).

Note-se que, mesmo numa perspectiva de longo prazo, as alterações não são grandes, mas é visível a ampliação da contribuição dos cônjuges em detrimento dos chefes de domicílio. Tal mudança deve indicar a maior presença das mulheres no mercado de trabalho, associada ao processo de envelhecimento da população que leva os chefes de domicílios mais idosos (predominantemente homens) a se retirarem do mercado de trabalho.

Em 2005, pelo segundo ano consecutivo, a média do rendimento familiar total apresentou crescimento em termos reais de 2,8%, passando a valer R\$ 1.761. Aumentos do rendimento também foram verificados na maioria dos tipos de ar-

Tabela 18
Rendimento Médio Real (1) por Hora dos Ocupados no Trabalho Principal,
por Sexo, segundo Posição no Domicílio
Região Metropolitana de São Paulo
2004-2005

Em reais de novembro de 2005

Posição no Domicílio	Mulheres		Homens		Variações 2005/2004 (%)	
	2004	2005	2004	2005	Mulheres	Homens
Ocupados	4,98	4,87	6,39	6,44	-2,1	0,7
Chefe	5,45	5,36	7,13	7,39	-1,8	3,7
Cônjuge	5,42	5,26	-(2)	-(2)	-3,0	-
Filho	4,32	4,31	4,45	4,36	-0,2	-1,9
Outros	3,04	3,38	3,83	4,04	11,2	5,5

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

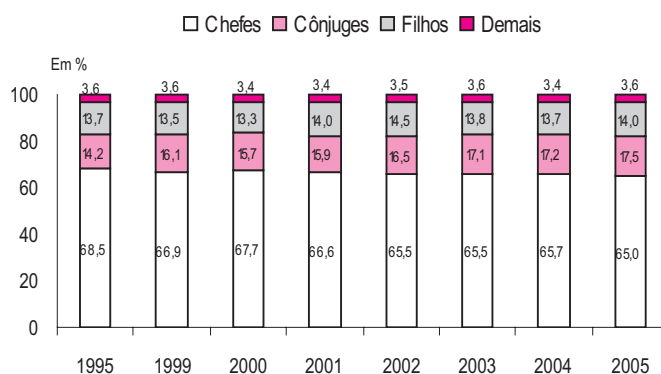
(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. Excluídos os assalariados e empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

RENDIMENTOS

ranjo familiar. O rendimento médio das famílias com chefes mulheres sem cônjuge e com filhos permaneceu relativamente estável em R\$ 1.231 (Gráfico 8).

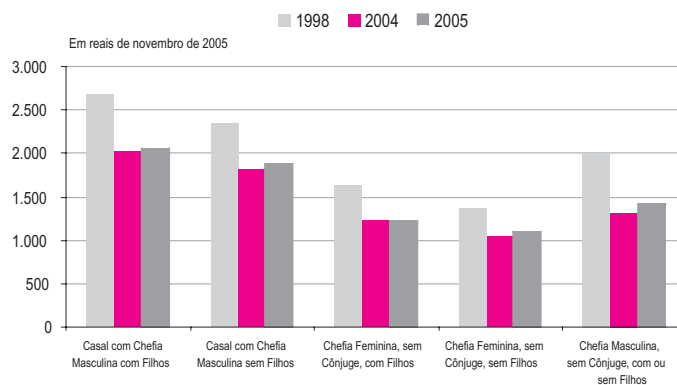
Gráfico 7
Distribuição do Rendimento Médio Familiar (1), segundo Posição na Família
Região Metropolitana de São Paulo
1989-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias e pensões do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

Gráfico 8
Rendimento Médio Familiar (1), segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
1989-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese. O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias e pensões do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.